

Destruição que não escapa ao vídeo

Categories : [Reportagens](#)

As imagens da floresta amazônica rasgada no centro do estado de Rondônia por causa da abertura da BR-364, principal eixo rodoviário do estado – e posteriormente por toda a rede vicinal no modelo espinha de peixe – nunca foram novidade para quem observa imagens e mapas da região. A destruição de áreas de preservação permanentes (APPs) aconteceu a reboque. Mas uma recém doutora do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) resolveu insistir nesse tipo de análise porque queria verificar o que está acontecendo hoje nessas áreas com uma técnica promissora, mas pouco utilizada: a videografia aerotransportada. Por este ângulo, percebeu que na região centro-norte do estado, simplesmente nenhuma APP estava conservada, conforme determina nossa legislação.

“A questão das APPs degradadas no Brasil é muito conhecida, mas cientificamente são poucos os trabalhos que vão fundo nesta questão”, explicou a autora da pesquisa, Giselle Trevisan. A legislação ambiental brasileira estabelece que até as margens de córregos pequenos, com um metro de largura, precisam estar protegidos com mata ciliar. E verificar esses cursos d’água tão estreitos é difícil até para os satélites de média a baixa resolução espacial. “Por isso optei pela videografia”, disse.

Destruição de APPs seja onde for